

---

## **Identidade coletiva: movimentos sociais e transformação das identidades a partir das tecnicidades digitais<sup>1</sup>**

Ana Lidia Resende PAULA<sup>2</sup>

Kérley WINQUES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

O presente trabalho traça uma análise teórica-reflexiva sobre o conceito de identidade coletiva no contexto dos movimentos sociais, com foco nos ativismos em plataformas de mídia social e nos movimentos sociais dataficados (Milan e Beraldo, 2024). Metodologicamente, apresentamos uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2002). A discussão aponta para a importância da construção de perspectivas críticas que considerem as particularidades da América Latina, a partir das suas identidades, movimentos e resistências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade coletiva; movimentos sociais; movimentos sociais dataficados; América Latina; plataformas de mídia social.

### **Introdução**

Recentemente, casos de mobilização estudantil ganharam destaque nacional e internacionalmente. Em abril de 2024, na Argentina, as ruas foram tomadas em protesto contra cortes orçamentários nas universidades. Em maio, estudantes dos Estados Unidos se organizaram contra a guerra em Gaza e o apoio do presidente Joe Biden a Israel. No mesmo caminho, emergiram por diversos países movimentos pró-Palestina, como o acampamento montado na Universidade de São Paulo (USP). Além do fim da guerra, os estudantes pautavam o rompimento das relações diplomáticas entre o governo federal e Israel. Em junho, estudantes, professores e funcionários da rede de ensino do Paraná ocuparam o espaço físico da Assembleia Legislativa, em meio à votação do Programa Parceiro da Escola, que autoriza a privatização das escolas estaduais.

Nas ruas, universidades, prédios dos poderes institucionais e outros espaços físicos geolocalizados é possível enxergar movimentos organizados, pessoas reunidas em um objetivo comum, abandonando a individualidade e ocupando espaços públicos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Bolsista Fapemig. E-mail: [ana.lidiarende@hotmail.com](mailto:ana.lidiarende@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora da pesquisa. Professora na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). E-mail: [ker.winqes@gmail.com](mailto:ker.winqes@gmail.com).

de resistência. Por sua vez, nas plataformas digitais, a ocupação é simbólica e sistemática a partir dos perfis pessoais, de políticos, de movimentos sociais e de ativistas que se organizam na cobertura desses atos e em ações de mobilização digital, como, por exemplo, tuitaços.

Ruas e redes parecem cada vez mais alinhadas em narrativa híbrida entre o espaço físico e digital (Castells, 2013; Canclini, 1997; Fontes, 2013). O que os casos citados acima têm em comum é o encontro de elementos unificadores, identidades coletivas que transformam o indivíduo em grupo, pessoas que se juntam a partir das resistências específicas de seus espaços e co-habitam outras esferas. Nem sempre as mobilizações são parte de um movimento social organizado e historicamente construído, podem também ser ações coletivas momentâneas e conjunturais. Nesse sentido, surge a pergunta: para existir movimento, é preciso existir identidade?

Uma revisão bibliográfica (Gil, 2002) nos permite aprofundar de forma teórico-reflexiva a ideia de identidade coletiva e suas contribuições para os estudos de movimentos sociais e, posteriormente, para os movimentos em cenário de dataficação e plataformização. O objetivo deste trabalho é pensar como a identidade individual e coletiva dos sujeitos e as interferências dos meios culturais, sociais e tecnológicos nos permitem avançar os estudos sobre a construção de movimentos na sociedade.

Compreendemos a necessidade de que os conceitos sejam aplicados às especificidades de cada grupo ou local, portanto, é impossível pensar uma identidade coletiva que não considere as individualidades dos sujeitos (Melucci, 1996) frente aos processos de descoberta do agir coletivo. Apresentamos abaixo reflexões sobre a noção de identidade coletiva nos estudos sobre movimentos sociais, as mudanças paradigmáticas na apropriação das plataformas digitais por esses movimentos e sobre a construção de um pensamento que leve em conta a identidade latino-americana.

### **Movimentos sociais e identidade coletiva**

O conceito de movimento social abarca diversas perspectivas de entendimento e análise. Para Touraine (2006), um movimento social se caracteriza por meio de dinâmicas de conflito e dominação entre sujeitos e se perpetua em contextos culturais que possibilitam o estabelecimento de interação entre grupos com interesses distintos. O autor destaca ainda que devemos “colocarmo-nos no ponto de vista dos atores, isto é,

dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros” (Touraine, 2006, p. 20). Nesse sentido, é necessário identificar um comum entre um ou mais sujeitos que, juntos, se tornam um grupo capaz de organizar uma ação coletiva e se opor a interesses contrários aos seus.

No livro “Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania”, Peruzzo (1998) apresenta reflexões sobre a comunicação como fonte de participação e ampliação de práticas cidadãs nos movimentos sociais populares. Segundo a autora, os movimentos sociais seriam forças autônomas atuando em um espaço não ocupado por partidos políticos e forças sindicais, desta forma, completando-os no processo de luta política. Em relação à identidade coletiva e o processo de pertencimento e identificação dos sujeitos com determinado movimento ou ação coletiva, Peruzzo (2006) trabalha com o conceito de comunidade para se referir a grupos que se formam a partir de ideais em comum.

Segundo a autora, o processo é parecido quando se observa as comunidades físicas e as comunidades virtuais, já que ambas necessitam do compartilhamento de identidades culturais entre seus membros para existir:

As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo. As próprias comunidades virtuais que surgem com o advento das novas tecnologias da comunicação, no final do século XX, demonstram a necessidade de atualização dos conceitos originais e, ao mesmo tempo, reforçam a necessidade da presença de laços de comunhão, como os acima referidos (Peruzzo, 2006, p. 14).

Nesse sentido, podemos entender que é impossível falar sobre a construção de um movimento, de uma comunidade ou de uma ação coletiva sem considerar os valores de agregação. Para a definição do que move determinado movimento, ou o que o faz ser contra determinada questão, é necessário olhar antes para todos os ideais que unificam aquele grupo/comunidade. Ou seja, para compreender a formação dos movimentos sociais o mais importante é saber os laços de identidade que unem sujeitos individuais e os agrega em um movimento coletivo.

Peruzzo (2018) aponta que o ciberespaço e as redes on-line são lugares de participação relevantes para a eliminação de distâncias e barreiras físicas e contribuem

para serem aflorados os sentimentos de pertencimento e identidades coletivas, fundamentais no chamamento de mobilizações, campanhas, atos e demais ações ativistas. Para a autora, é necessário, entretanto, encontrar um equilíbrio entre a participação individual e coletiva quando falamos da participação cidadã mediada pela internet, conforme explica:

Em contraponto aos riscos da participação individualizada tão decantada (e importante), mas que tende a exercer a liberdade entendida como total autonomia do indivíduo, o que justifica até as posições anticívicas (ofensa a pessoas, violação de direitos de outrem, discriminação, posições políticas equivocadas, notícias falsas etc.), coletivos comunitaristas, organizações não governamentais, movimentos sociais populares, comunidades virtuais, mídias alternativas e algumas redes on-line, entre outros atores, externam na internet o espírito cívico que os move (Peruzzo, 2018, p. 92).

A atuação dos movimentos sociais pode acontecer de diversas maneiras. Mobilizações, manifestações, concentrações, passeatas, atos públicos e, como mencionado, após os avanços tecnológicos, os arranjos também acontecem mediados pelas plataformas de mídia social e contam com a participação de atores que não necessitam coabitar o mesmo espaço territorial para efetivar sua participação.

Na avaliação de Gohn (2011; 2019), movimentos sociais são ações coletivas de caráter sócio-político e cultural, nesse último aspecto, a identidade coletiva é utilizada para observar a socialização do indivíduo em instituições como família, escola e trabalho como elemento relevante para sua identificação e participação política. A autora destaca que a “ênfase em aspectos da cultura leva ao aprendizado nas lutas e confrontos, ao desenvolvimento de identidades e a um acúmulo de suas forças sociopolíticas e culturais” (Gohn, 2019, p. 70).

Scherer-Warren (2011), por sua vez, propõe a necessidade de traçarmos uma releitura dos movimentos sociais a partir do olhar da América Latina, e assim valorizar os movimentos historicamente esquecidos. Em sua construção teórica, Scherer-Warren (2006) apresenta a noção de rede de movimento social, que diz respeito ao processo de identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum. O “Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia” (Scherer-Warren, 2006, p. 113).

---

Ainda na noção de rede, Castells (2013) articula a participação, a ação coletiva e os movimentos em rede a partir das transformações trazidas pela internet que, segundo o autor, possibilitam que os sujeitos possam se expressar e colocar as suas pautas em evidência de forma autônoma “Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre de controle dos que detêm o poder institucional” (Castells, 2013, p. 14). Por fim, Melucci (1996) explica que, para que o indivíduo mobilize e se torne coletivo, é necessário existir uma ação política, mas não necessariamente uma organização historicamente construída:

A ação coletiva, repitamos, não começa necessariamente em organizações, mas em grupos, redes, correntes informais de pessoas inter-relacionadas que não são, portanto, indivíduos isolados, mas fazem, desde já, parte de uma rede. Quando falamos de movimento, este é o nível a que deveríamos nos referir. O que está envolvido aqui é algo mais que indivíduos alimentando questões sociais (Melucci, 1996, p. 218-219).

Nesse sentido, indivíduos e suas individualidades devem ser reconhecidos a partir das mediações sociais e culturais que vão transformar seus interesses pessoais em coletivos. É preciso um laço, um objetivo, um ideal em comum para haver o encontro entre sujeitos e, assim, uma ação política e coletiva de resistência. A pergunta feita ainda na introdução deste trabalho pode já ter sido respondida até aqui. É impossível falar sobre movimento social ou ação coletiva sem compreender a noção de identidade.

Para isso, Hall (2006) nos ajuda a articular reflexões sobre a importância da identidade coletiva para os movimentos sociais. A identidade cultural é fundamental para essas articulações. “Identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam dentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência, mas um posicionamento” (Hall, 2006, p. 25). Ou seja, a identidade está em constante transformação, é fluida e pode ser construída ou desconstruída dependendo da conjuntura. Na obra “Identidade Cultural na pós-modernidade”, Hall (1992) apresenta algumas noções sobre a fragmentação no conceito de identidade a partir do final do século XX, as quais o autor chama de “crise de identidade”:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós

---

próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (Hall, 1992, p. 9).

O autor acredita que a identidade não deve ser vista como algo estático, formado no momento do nascimento, mas sim como algo incompleto, que vai se construindo a partir das articulações cotidianas dos sujeitos com as instituições que os cercam e suas vivências sociais e culturais. Ou seja, na interação do sujeito com o mundo. Neste trabalho, discutimos como as relações entre os indivíduos e as tecnologias, plataformas, dados e algoritmos podem contribuir para novas formas de se enxergar o conceito de identidade.

### **Movimentos dataficados: transformação das identidades a partir das tecnicidades**

Na perspectiva de pensar os movimentos sociais no ambiente dataficado, Milan e Beraldo (2024) identificaram algumas características da transformação da identidade coletiva no cenário de dataficação. Em meio a mediações algorítmicas (Winques, 2024) e plataformização (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020), a identidade coletiva passa a ser mais volátil, de curta duração, mais flexível, de forma que mais sujeitos participam sem demandar um envolvimento longo e duradouro. É preciso existir identidade para participação, mas não necessariamente um grande vínculo com o movimento. É necessário apenas um elemento unificador, que depois pode vir a se transformar em algo maior, uma participação efetiva ao longo dos anos, ou pode terminar ali, juntamente com a própria mobilização.

No cenário brasileiro, podemos lembrar do movimento Ele Não, ou #EleNão. Em 2018, às vésperas da eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república, aconteceram em todo Brasil diversas manifestações populares coordenadas por mulheres e organizadas por meio de plataformas de mídia social, como Facebook, Instagram e Twitter (atualmente, X), e que levaram milhares de pessoas às ruas em oposição à eleição de Bolsonaro. Apesar dos atos terem sido compostos por diversos movimentos sociais, partidos políticos, movimento estudantil, movimento de trabalhadores e sindicatos, os mesmos não foram organizados especificamente por algum deles.

---

Era um movimento autônomo, popular, organizado por pessoas que não necessariamente participavam anteriormente de algum espaço de militância, mas que naquele momento ocupavam as ruas e as redes para protestar. Um movimento que, demonstrando a ocupação híbrida do espaço físico e digital (Canclini,1997; Castells, 2013), começou na internet e tomou também as ruas. Aconteceu, marcou a história, mas não se consolidou como um movimento social. Foi momentâneo, teve um papel conjuntural a cumprir, reuniu milhares de pessoas que não tinham vínculo anterior com um movimento e que, posterior a ele, também permaneceram sem essa continuidade e sem a necessidade de se firmar. Flexível, volátil, sem a necessidade de laços de identidade estabelecidos historicamente.

Outro aspecto apontado pelos autores sobre identidade coletiva na dataficação é o da padronização e simplificação de identidades complexas que, para ganhar visibilidade algorítmica, adotam uma série de simbolismos pré-estabelecidos para participar do “jogo de visibilidade” das plataformas e que, por vezes, acaba demonstrando a incoerência e as disputas internas visíveis nos próprios movimentos. Nesse quesito, os próprios autores mencionam o *Anonymous*, que se baseiam em um modelo de identidade coletiva a partir do anonimato, onde a verdadeira identidade dos sujeitos é desconhecida e seu reconhecimento é dado enquanto grupo.

Na perspectiva de Milan e Beraldo (2024), essa desagregação não é nada nova, mas foi acelerada pelas plataformas:

Se a contradição nas formações dos movimentos não é novidade, uma vez que as identidades dos movimentos estão naturalmente abertas à negociação e ao conflito interno (Melucci, 1996), esta tendência foi exacerbada pela personalização das políticas contenciosas favorecidas pelas redes de comunicação digital (Bennett & Segerberg, 2012) e , além disso, pela dinâmica de plataforma implícita na formação de identidade dataficada (Milan e Beraldo, 2024, p. 276, tradução nossa)<sup>4</sup>.

As duas tendências observadas sobre as transformações da identidade coletiva na sociedade das plataformas podem explicar a construção dos movimentos elencados na introdução deste trabalho. Nem sempre são oriundos de organizações estruturadas historicamente como movimentos sociais, mas ganham forma e se transformam em

---

<sup>4</sup> If contradiction in movement formations is nothing new, as movement identities are naturally open for negotiation and internal conflict (Melucci,1996), this tendency has been exacerbated by the personalization of contentious politics favored by digital communication networks (Bennett & Segerberg, 2012) and, moreover, by the platform dynamics implicit in datafied identity formation. (Milan e Beraldo, 2024, p. 276)

---

ações coletivas momentâneas a partir de elementos conjunturais que geram identificação dos sujeitos - por exemplo, o combate à ascensão da extrema-direita no mundo. Além disso, são, muitas vezes, potencializados pelas possibilidades de participação híbrida através do espaço territorial e do espaço digital.

Nesse sentido, o conceito de identidade dataficada, apresentado pelos autores, nos parece útil para ser acrescentado ao debate sobre movimentos sociais na atualidade. Uma identidade construída não só a partir do contexto cultural do indivíduo, mas também a partir da sua relação com as tecnicidades. Nela, a percepção do indivíduo sobre a interação sociotécnica com dados, algoritmos e *affordances* é fundamental para o processo de identificação. Ainda neste sentido, a noção de identidade algorítmica (Cheney-Lippold, 2011) também se soma à discussão sobre movimentos e dataficação.

Cheney-Lippold (2011) discute como as tecnologias vêm impactando não só os processos de vigilância de dados, como também nas noções de identidade que os sujeitos têm de si. Dessa forma, há o entendimento de que os algoritmos podem também impactar na formação da identidade dos indivíduos. Ao trazer essa discussão para o cenário dos movimentos sociais, entendemos que os impactos também podem ser vistos na formação coletiva da identidade e, ainda, na construção identitária dos próprios movimentos sociais. Gillespie (2018) corrobora para as reflexões ao dizer que “simplesmente gostamos quando o algoritmo confirma nosso senso de identidade, os algoritmos são um convite poderoso para nos entendermos através de lentes independentes que eles prometem fornecer” (Gillespie, 2018, p. 13).

Ainda sobre os impactos das plataformas, algoritmos e dados no conceito de identidade, Rowland e Estevens (2024) exploram a noção de identidade digital. Segundo os autores, a identidade do usuário é definida pelo agrupamento de informações descritivas coletadas sobre eles, ela é responsável pela demarcação da individualidade e da subjetividade do sujeito na era digital, mas também tem impacto sobre a autopercepção do sujeito sobre si e sobre o outro. A partir da aplicação de um questionário com 86 cidadãos portugueses, abrangendo várias faixas etárias (variando de 19 a 77 anos), gênero (28 homens, 58 mulheres) e formação educacional (a maioria com pós-graduação), os autores identificaram alguns padrões sobre a percepção dos sujeitos em relação ao conceito de identidade digital.

Três pontos são mencionados pelos autores: 1) *identidade como identificação digital*: associada aos dados necessários para acessar determinada plataforma e criar um perfil naquele espaço. Nesse tipo de identidade, não é necessária fidelidade à representação do eu off-line, visto que ela é uma identidade projetada e não real; 2) *identidade como autoapresentação*: a imagem que está sendo performada para determinada audiência. Segundo os autores, nesse tipo de identidade podemos ver mais controle do on-line do que do off-line e ela pode ser plural, visto que um indivíduo pode ter mais de uma identidade dependendo do tipo de perfil que planeja criar em cada plataforma de mídia social; e 3) *representação da identidade através dos dados*: o cidadão em uma espécie de “eu datafocado”, entretanto, nesse caso, na maioria das vezes o indivíduo não consegue ter consciência da identidade formada e performada, visto os mecanismos de ocultamento das próprias plataformas. A partir disso, podemos enxergar que a identidade digital:

Não é uma entidade singular; em vez disso, tem camadas incorporadas, resultantes não apenas do que fazemos, mas também das infraestruturas sociotécnicas das quais dependemos. Isso ressalta a dinâmica intrincada em jogo ao discutir nossas identidades digitais e enfatiza as interações complexas entre usuários, identidades, dados pessoais e plataformas digitais em sociedades datafocadas (Rowland e Estevens, 2024, p. 15, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Para a discussão deste trabalho, os conceitos de identidade datafocada, identidade algorítmica e identidade digital, apresentados acima, devem construir um diálogo com os estudos de movimentos sociais, visto que as plataformas digitais e a dataficação vêm alterando também os formatos de atuação dos movimentos e a noção de identidade coletiva, fundamental para a formação e manutenção de um movimento, também vem sendo transformada pela penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020).

Como mencionado na introdução, antes de falar da formação coletiva de uma identidade, é preciso observar os sujeitos e suas individualidades. A resistência popular é, cada vez mais, mediada pelas técnicas e a construção da identidade coletiva não depende mais unicamente dos elementos de agregação de identidade dos sujeitos, mas

---

<sup>5</sup> It is not a singular entity; rather it has layers built into it, resulting not only from what we do but also from the socio-technical infrastructures we rely on. This underscores the intricate dynamics at play when discussing our digital identities, and emphasizes the complex interactions among users, identities, personal data and digital platforms in datafied societies. (Rowland e Estevens, 2024, p. 15)

---

também dos processos sociotécnicos, dados e algoritmos, que estão impactando diretamente a tomada de decisão em diversos setores da sociedade. Os conceitos de identidade algorítmica, dataficação e digital são úteis para perceber que os processos de identidade coletiva na atualidade são também mediados algorítmicamente.

### **Considerações: pensar o Sul Global e construir uma identidade latino-americana**

Boa parte dos autores apresentados na primeira parte deste trabalho propõe abordagens metodológicas que consideram as particularidades dos movimentos sociais e das resistências que emergem da América Latina. A fim de materializar a noção de identidade coletiva a partir de um exemplo latino-americano, lembramos da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha de Estudantes (OCLAE), movimento social estudantil que organiza estudantes latino-americanos em rede. Em seus registros, é possível perceber marcas de identidades latino-americanas, a partir do resgate de figuras relevantes para a política e a cultura dos países latinos. Por meio de perfis em plataformas de mídia social, como o Instagram, a organização constrói imaginários do passado e do presente, sempre lembrando das lutas que marcaram a resistência do povo latino, das marcas colonizadoras, das desigualdades que constituem a história e ainda pautando a busca pelo reconhecimento global.

Na atualidade, é possível que diversos campos de pesquisa estejam atentos aos fenômenos da plataformização e dataficação e voltem seus olhares para compreendê-los e identificar de que forma mediam (e se mediam) processos caros para seu campo. Em relação aos movimentos sociais, podemos perceber que a construção de uma identidade coletiva mediada pelas tecnicidades perpassa hoje pelas noções de identidade algorítmica, digital e dataficação. Como apontado por Martín-Barbero (2014), do mesmo modo que agrava as desigualdades, a revolução tecnológica mobiliza a imaginação social das coletividades e potencializa a participação, a articulação de sujeitos e a construção democrática. Dessa forma, as tecnicidades parecem ser utilizadas para ampliar espaço, ecoar vozes de resistência e diminuir os contrastes entre as realidades do mundo.

Nesse sentido, reafirmamos a importância de produzirmos pensamentos críticos a partir de bases teóricas e materiais que articulem a realidade da América Latina. É possível enxergar uma identidade latino-americana, que ultrapassa as noções

---

fronteiriças e exemplifica as formas fluidas e híbridas de participar, mobilizar e construir cidadanias. No mundo tomado por dados, algoritmos e plataformas, é preciso observar os movimentos a partir de suas apropriações das materialidades e simbolismos das plataformas digitais. Por isso, o diálogo entre os estudos de movimentos sociais e os estudos críticos de plataformas são um ponto de partida para analisar as resistências na era da dataficação.

## REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHENEY-LIPPOLD, J. Uma nova identidade algorítmica: biopolítica suave e a modulação do controle. **Teoria, Cultura e Sociedade**, v. 28, n. 6, p. 164-181, 2011.
- FONTES, B. **Redes sociais e poder local**. Recife: DUFPE, 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, 2018, v. 6, n. 1, p. 95-121.
- GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.
- GOHN, M. da G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CrH**, v. 32, p. 63-81, 2019.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J. Diversidade em convergência. **Matrizes**, v. 8, n. 2, p. 15-33, 2014.
- MELUCCI, A. A experiência individual na sociedade planetária. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, p. 199-221, 1996.
- MILAN, S.; BERALDO, D. Data in movement: the social movement society in the age of datafication. **Social Movement Studies**, v. 23, n. 3, 2024.
- PERUZZO, C. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006.
- PERUZZO, C. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na web. **Matrizes**, 2018, v. 12, n. 3, p. 77-100.

---

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.

ROWLAND, J.; ESTEVENS, J. What is your digital identity? Uncovering users' understanding of an evolving concept in datafied societies. **Media, Culture and Society**, v. 0, n. 0, 2024.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCHERER-WARREN, I.; LÜCHMANN, L. H. H. **Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

TOURAINÉ, A. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, p. 17-28, 2006.

WINQUES, K. **Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais**. Florianópolis: Editora Insular, 2024.